



SEMANA DE ARTE
MODERNA - CATÁLOGO
DA EXPOSIÇÃO - S. PAULO
1922



S. PAULO
1922

SEMANA
DE ARTE
MODERNA



A Semana de Arte Moderna de 1922 é o nome de um dos eventos mais importantes da arte nacional. Nessa ocasião, artistas insatisfeitos com o conservadorismo da elite brasileira, que detinha poder político e econômico durante a República Velha, decidiram fazer uma ruptura com a arte tradicional e mostrar novas tendências estéticas.

Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, ano do centenário da Independência do Brasil, alguns artistas, com um espírito contestador, apresentaram ao público obras caracterizadas pela inovação estética. Participaram da Semana artistas como:

Oswald de Andrade;
Mário de Andrade;
Anita Malfatti;
Heitor Villa-Lobos.



- Revolta do Forte de Copacabana. Da esquerda para a direita: os tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Nílton Prado e o civil Otávio Correia.



Quando ocorreu a Semana de Arte Moderna, em 1922, a chamada República Velha estava em decadência. Esse período histórico teve início em 1889, com a Proclamação da República, e terminou em 1930. Assim, durante quase quarenta anos, o Brasil foi governado pelas oligarquias de São Paulo e Minas Gerais.

Nesse contexto, a política que comandava o país era chamada de “café com leite”, em referência ao café paulista, ao leite mineiro e ao poder político e econômico dos pecuaristas e cafeicultores desses estados. Porém, no início da década de 1920, alguns militares se mostraram insatisfeitos com tal política de governo.

Surgiu, então, um movimento chamado de “tenentismo”, iniciado em 5 de julho de 1922, com a revolta no Forte de Copacabana, também conhecida como a Revolta dos 18 do Forte. Assim, o estopim para a rebelião foi a eleição de Artur Bernardes (1875-1955) para a presidência do Brasil.

Na Europa, o desenvolvimento tecnocientífico colocava em evidência a velocidade e a automação. Nesse contexto, surgiram as vanguardas europeias, isto é, movimentos artísticos que buscavam refletir o dinamismo e a inovação do novo século que se iniciava. Para isso, os artistas criaram uma arte nova, considerada, por eles, superior à arte tradicional.

Esse contexto europeu acabou se refletindo, também, no Brasil; mais fortemente, na cidade de São Paulo. O país abandonava uma economia de base rural para, na década de 1930, investir na industrialização. Assim, a insatisfação com a velha política e com a arte tradicional, além da influência das vanguardas europeias, levou alguns intelectuais e artistas brasileiros a realizar a Semana de Arte Moderna, no ano do centenário da Independência do Brasil.

Características da Semana de Arte Moderna de 1922

A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um evento marcado por:

ironia;
contestação;
subversão;
dinamismo;
nacionalismo;
antirromantismo;
ruptura;
comoção;
tom festivo;
antiacademicismo;
inovação artística;
multiplicidade estética.

A Semana de Arte Moderna de 1922



O evento ocorreu, irônica e propositalmente, no Theatro Municipal de São Paulo, um espaço tradicional para apresentações artísticas. O público era composto por integrantes da elite paulistana. Foi assim que, naquela semana, os artistas brasileiros mostraram a esse público uma nova arte.

Durante a Semana, houve exposição de pinturas e esculturas. No entanto, as principais atividades do evento ocorreram em três noites: 13, 15 e 17 de fevereiro. Nesses dias, houve espetáculos de dança, concertos, declamação de poemas e conferências, como a palestra de Graça Aranha — A emoção estética na arte moderna —, que abriu o evento em 13 fevereiro.

Quando as obras foram apresentadas, o público conservador não apreciou as inovações. No dia 15, Menotti del Picchia foi vaiado enquanto palestrava sobre o futurismo. Ronald de Carvalho teve muita dificuldade para ler o poema *Os sapos*, de Manuel Bandeira, já que a plateia vaiava e assoviava. Guiomar Novaes, no entanto, recebeu aplausos ao tocar obras de Debussy (1862-1918). Mas, durante a palestra de Mário de Andrade, a bagunça recomeçou.

Desdobramentos da Semana de Arte Moderna de 1922

A principal consequência da Semana de Arte Moderna de 1922 foi a introdução do modernismo no Brasil. A partir de então, uma nova estética tomou forma em território brasileiro, baseada na inovação e no compromisso de se fazer uma arte com a cara do país.

Desse modo, o evento abriu um caminho de total liberdade para os artistas das décadas seguintes. Essa violenta ruptura com a arte tradicional, ocorrida durante a Semana, permitiu o surgimento, posteriormente, do concretismo, da poesia-práxis, do poema-processo, da poesia marginal e do tropicalismo.



Artistas da Semana de Arte Moderna de 1922
Mário de Andrade (primeiro à esquerda, no alto) e outros artistas modernistas em 1922.

Literatura:

Oswald de Andrade (1890-1954);

Guilherme de Almeida (1890-1969);

Menotti del Picchia (1892-1988);

Graça Aranha (1868-1931);

Mário de Andrade (1893-1945);

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982);

Ronald de Carvalho (1893-1935);

Ribeiro Couto (1898-1963);

Sérgio Milliet (1898-1966);

Manuel Bandeira (1886-1968). | 1 |

Arquitetura:

Antonio Moya (1891-1949);

Georg Przyrembel (1885-1956).

Escultura:

Victor Brecheret (1894-1955);

Wilhelm Haarberg (1891-1986).

Pintura e desenho:

Anita Malfatti (1889-1964);

Di Cavalcanti (1897-1976);

John Graz (1891-1980);

Alberto Martins Ribeiro;

Zina Aita (1900-1967);

Música:

Heitor Villa-Lobos (1887-1959);

Guiomar Novaes (1894-1979);

Ernani Braga (1888-1948);

Frutuoso Viana (1896-1976);

Yan de Almeida Prado (1898-1991);

Ferrignac (1892-1958);

Vicente do Rego Monteiro (1899-1970).